Os gémeos e o helenismo: algumas considerações mitológico-históricas

Autor(es): Costa, Mauro

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/33003>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_22_9

Accessed : 26-Apr-2023 16:31:04

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

22

𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳𐀴𐀵𐀶𐀷𐀸𐀹𐀺𐀻𐀼𐀽𐀾𐀿𐁀𐁁𐁂𐁃𐁄𐁅𐁆𐁇𐁈𐁉𐁊𐁋𐁌𐁍𐁎𐁏𐁐𐁑𐁒𐁓𐁔𐁕𐁖𐁗𐁘𐁙𐁚𐁛𐁜𐁝𐁞𐁟𐁠𐁡𐁢𐁣𐁤𐁥𐁦𐁧𐁨𐁩𐁪𐁫𐁬𐁭𐁮𐁯𐁰𐁱𐁲𐁳𐁴𐁵𐁶𐁷𐁸𐁹𐁺𐁻𐁼𐁽𐁾𐁿𐂀𐂁𐂂𐂃𐂄𐂅𐂆𐂇𐂈𐂉𐂊𐂋𐂌𐂍𐂎𐂏𐂐𐂑𐂒𐂓𐂔𐂕𐂖𐂗𐂘𐂙𐂚𐂛𐂜𐂝𐂞𐂟𐂠𐂡𐂢𐂣𐂤𐂥𐂦𐂧𐂨𐂩𐂪𐂫𐂬𐂭𐂮𐂯𐂰𐂱𐂲𐂳𐂴𐂵𐂶𐂷𐂸𐂹𐂺𐂻𐂼𐂽𐂾𐂿𐃀𐃁𐃂𐃃𐃄𐃅𐃆𐃇𐃈𐃉𐃊𐃋𐃌𐃍𐃎𐃏𐃐𐃑𐃒𐃓𐃔𐃕𐃖𐃗𐃘𐃙𐃚𐃛𐃜𐃝𐃞𐃟𐃠𐃡𐃢𐃣𐃤𐃥𐃦𐃧𐃨𐃩𐃪𐃫𐃬𐃭𐃮𐃯𐃰𐃱𐃲𐃳𐃴𐃵𐃶𐃷𐃸𐃹𐃺𐃻𐃼𐃽𐃾𐃿𐄀𐄁𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒𐄓𐄔𐄕𐄖𐄗𐄘𐄙𐄚𐄛𐄜𐄝𐄞𐄟𐄠𐄡𐄢𐄣𐄤𐄥𐄦𐄧𐄨𐄩𐄪𐄫𐄬𐄭𐄮𐄯𐄰𐄱𐄲𐄳𐄴𐄵𐄶𐄷𐄸𐄹𐄺𐄻𐄼𐄽𐄾𐄿𐅀𐅁𐅂𐅃𐅄𐅅𐅆𐅇𐅈𐅉𐅊𐅋𐅌𐅍𐅎𐅏𐅐𐅑𐅒𐅓𐅔𐅕𐅖𐅗𐅘𐅙𐅚𐅛𐅜𐅝𐅞𐅟𐅠𐅡𐅢𐅣𐅤𐅥𐅦𐅧𐅨𐅩𐅪𐅫𐅬𐅭𐅮𐅯𐅰𐅱𐅲𐅳𐅴𐅵𐅶𐅷𐅸𐅹𐅺𐅻𐅼𐅽𐅾𐅿𐆀𐆁𐆂𐆃𐆄𐆅𐆆𐆇𐆈𐆉𐆊𐆋𐆌𐆍𐆎𐆏𐆐𐆑𐆒𐆓𐆔𐆕𐆖𐆗𐆘𐆙𐆚𐆛𐆜𐆝𐆞𐆟𐆠𐆡𐆢𐆣𐆤𐆥𐆦𐆧𐆨𐆩𐆪𐆫𐆬𐆭𐆮𐆯𐆰𐆱𐆲𐆳𐆴𐆵𐆶𐆷𐆸𐆹𐆺𐆻𐆼𐆽𐆾𐆿𐇀𐇁𐇂𐇃𐇄𐇅𐇆𐇇𐇈𐇉𐇊𐇋𐇌𐇍𐇎𐇏𐇐𐇑𐇒𐇓𐇔𐇕𐇖𐇗𐇘𐇙𐇚𐇛𐇜𐇝𐇞𐇟𐇠𐇡𐇢𐇣𐇤𐇥𐇦𐇧𐇨𐇩𐇪𐇫𐇬𐇭𐇮𐇯𐇰𐇱𐇲𐇳𐇴𐇵𐇶𐇷𐇸𐇹𐇺𐇻𐇼𐇽𐇾𐇿𐈀𐈁𐈂𐈃𐈄𐈅𐈆𐈇𐈈𐈉𐈊𐈋𐈌𐈍𐈎𐈏𐈐𐈑𐈒𐈓𐈔𐈕𐈖𐈗𐈘𐈙𐈚𐈛𐈜𐈝𐈞𐈟𐈠𐈡𐈢𐈣𐈤𐈥𐈦𐈧𐈨𐈩𐈪𐈫𐈬𐈭𐈮𐈯𐈰𐈱𐈲𐈳𐈴𐈵𐈶𐈷𐈸𐈹𐈺𐈻𐈼𐈽𐈾𐈿𐉀𐉁𐉂𐉃𐉄𐉅𐉆𐉇𐉈𐉉𐉊𐉋𐉌𐉍𐉎𐉏𐉐𐉑𐉒𐉓𐉔𐉕𐉖𐉗𐉘𐉙𐉚𐉛𐉜𐉝𐉞𐉟𐉠𐉡𐉢𐉣𐉤𐉥𐉦𐉧𐉨𐉩𐉪𐉫𐉬𐉭𐉮𐉯𐉰𐉱𐉲𐉳𐉴𐉵𐉶𐉷𐉸𐉹𐉺𐉻𐉼𐉽𐉾𐉿𐊀𐊁𐊂𐊃𐊄𐊅𐊆𐊇𐊈𐊉𐊊𐊋𐊌𐊍𐊎𐊏𐊐𐊑𐊒𐊓𐊔𐊕𐊖𐊗𐊘𐊙𐊚𐊛𐊜𐊝𐊞𐊟𐊠𐊡𐊢𐊣𐊤𐊥𐊦𐊧𐊨𐊩𐊪𐊫𐊬𐊭𐊮𐊯𐊰𐊱𐊲𐊳𐊴𐊵𐊶𐊷𐊸𐊹𐊺𐊻𐊼𐊽𐊾𐊿𐋀𐋁𐋂𐋃𐋄𐋅𐋆𐋇𐋈𐋉𐋊𐋋𐋌𐋍𐋎𐋏𐋐𐋑𐋒𐋓𐋔𐋕𐋖𐋗𐋘𐋙𐋚𐋛𐋜𐋝𐋞𐋟𐋠𐋡𐋢𐋣𐋤𐋥𐋦𐋧𐋨𐋩𐋪𐋫𐋬𐋭𐋮𐋯𐋰𐋱𐋲𐋳𐋴𐋵𐋶𐋷𐋸𐋹𐋺𐋻𐋼𐋽𐋾𐋿𐌀𐌁𐌂𐌃𐌄𐌅𐌆𐌇𐌈𐌉𐌊𐌋𐌌𐌍𐌎𐌏𐌐𐌑𐌒𐌓𐌔𐌕𐌖𐌗𐌘𐌙𐌚𐌛𐌜𐌝𐌞𐌟𐌠𐌡𐌢𐌣𐌤𐌥𐌦𐌧𐌨𐌩𐌪𐌫𐌬𐌭𐌮𐌯𐌰𐌱𐌲𐌳𐌴𐌵𐌶𐌷𐌸𐌹𐌺𐌻𐌼𐌽𐌾𐌿𐍀𐍁𐍂𐍃𐍄𐍅𐍆𐍇𐍈𐍉𐍊𐍋𐍌𐍍𐍎𐍏𐍐𐍑𐍒𐍓𐍔𐍕𐍖𐍗𐍘𐍙𐍚𐍛𐍜𐍝𐍞𐍟𐍠𐍡𐍢𐍣𐍤𐍥𐍦𐍧𐍨𐍩𐍪𐍫𐍬𐍭𐍮𐍯𐍰𐍱𐍲𐍳𐍴𐍵𐍶𐍷𐍸𐍹𐍺𐍻𐍼𐍽𐍾𐍿𐎀𐎁𐎂𐎃𐎄𐎅𐎆𐎇𐎈𐎉𐎊𐎋𐎌𐎍𐎎𐎏𐎐𐎑𐎒𐎓𐎔𐎕𐎖𐎗𐎘𐎙𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣𐎤𐎥𐎦𐎧𐎨𐎩𐎪𐎫𐎬𐎭𐎮𐎯𐎰𐎱𐎲𐎳𐎴𐎵𐎶𐎷𐎸𐎹𐎺𐎻𐎼𐎽𐎾𐎿𐏀𐏁𐏂𐏃𐏄𐏅𐏆𐏇𐏈𐏉𐏊𐏋𐏌𐏍𐏎𐏏𐏐𐏑𐏒𐏓𐏔𐏕𐏖𐏗𐏘𐏙𐏚𐏛𐏜𐏝𐏞𐏟𐏠𐏡𐏢𐏣𐏤𐏥𐏦𐏧𐏨𐏩𐏪𐏫𐏬𐏭𐏮𐏯𐏰𐏱𐏲𐏳𐏴𐏵𐏶𐏷𐏸𐏹𐏺𐏻𐏼𐏽𐏾𐏿𐐀𐐁𐐂𐐃𐐄𐐅𐐆𐐇𐐈𐐉𐐊𐐋𐐌𐐍𐐎𐐏𐐐𐐑𐐒𐐓𐐔𐐕𐐖𐐗𐐘𐐙𐐚𐐛𐐜𐐝𐐞𐐟𐐠𐐡𐐢𐐣𐐤𐐥𐐦𐐧𐐨𐐩𐐪𐐫𐐬𐐭𐐮𐐯𐐰𐐱𐐲𐐳𐐴𐐵𐐶𐐷𐐸𐐹𐐺𐐻𐐼𐐽𐐾𐐿𐑀𐑁𐑂𐑃𐑄𐑅𐑆𐑇𐑈𐑉𐑊𐑋𐑌𐑍𐑎𐑏𐑐𐑑𐑒𐑓𐑔𐑕𐑖𐑗𐑘𐑙𐑚𐑛𐑜𐑝𐑞𐑟𐑠𐑡𐑢𐑣𐑤𐑥𐑦𐑧𐑨𐑩𐑪𐑫𐑬𐑭𐑮𐑯𐑰𐑱𐑲𐑳𐑴𐑵𐑶𐑷𐑸𐑹𐑺𐑻𐑼𐑽𐑾𐑿𐒀𐒁𐒂𐒃𐒄𐒅𐒆𐒇𐒈𐒉𐒊𐒋𐒌𐒍𐒎𐒏𐒐𐒑𐒒𐒓𐒔𐒕𐒖𐒗𐒘𐒙𐒚𐒛𐒜𐒝𐒞𐒟𐒠𐒡𐒢𐒣𐒤𐒥𐒦𐒧𐒨𐒩𐒪𐒫𐒬𐒭𐒮𐒯𐒰𐒱𐒲𐒳𐒴𐒵𐒶𐒷𐒸𐒹𐒺𐒻𐒼𐒽𐒾𐒿𐓀𐓁𐓂𐓃𐓄𐓅𐓆𐓇𐓈𐓉𐓊𐓋𐓌𐓍𐓎𐓏𐓐𐓑𐓒𐓓𐓔𐓕𐓖𐓗𐓘𐓙𐓚𐓛𐓜𐓝𐓞𐓟𐓠𐓡𐓢𐓣𐓤𐓥𐓦𐓧𐓨𐓩𐓪𐓫𐓬𐓭𐓮𐓯𐓰𐓱𐓲𐓳𐓴𐓵𐓶𐓷𐓸𐓹𐓺𐓻𐓼𐓽𐓾𐓿𐔀𐔁𐔂𐔃𐔄𐔅𐔆𐔇𐔈𐔉𐔊𐔋𐔌𐔍𐔎𐔏𐔐𐔑𐔒𐔓𐔔𐔕𐔖𐔗𐔘𐔙𐔚𐔛𐔜𐔝𐔞𐔟𐔠𐔡𐔢𐔣𐔤𐔥𐔦𐔧𐔨𐔩𐔪𐔫𐔬𐔭𐔮𐔯𐔰𐔱𐔲𐔳𐔴𐔵𐔶𐔷𐔸𐔹𐔺𐔻𐔼𐔽𐔾𐔿𐕀𐕁𐕂𐕃𐕄𐕅𐕆𐕇𐕈𐕉𐕊𐕋𐕌𐕍𐕎𐕏𐕐𐕑𐕒𐕓𐕔𐕕𐕖𐕗𐕘𐕙𐕚𐕛𐕜𐕝𐕞𐕟𐕠𐕡𐕢𐕣𐕤𐕥𐕦𐕧𐕨𐕩𐕪𐕫𐕬𐕭𐕮𐕯𐕰𐕱𐕲𐕳𐕴𐕵𐕶𐕷𐕸𐕹𐕺𐕻𐕼𐕽𐕾𐕿𐖀𐖁𐖂𐖃𐖄𐖅𐖆𐖇𐖈𐖉𐖊𐖋𐖌𐖍𐖎𐖏𐖐𐖑𐖒𐖓𐖔𐖕𐖖𐖗𐖘𐖙𐖚𐖛𐖜𐖝𐖞𐖟𐖠𐖡𐖢𐖣𐖤𐖥𐖦𐖧𐖨𐖩𐖪𐖫𐖬𐖭𐖮𐖯𐖰𐖱𐖲𐖳𐖴𐖵𐖶𐖷𐖸𐖹𐖺𐖻𐖼𐖽𐖾𐖿𐗀𐗁𐗂𐗃𐗄𐗅𐗆𐗇𐗈𐗉𐗊𐗋𐗌𐗍𐗎𐗏𐗐𐗑𐗒𐗓𐗔𐗕𐗖𐗗𐗘𐗙𐗚𐗛𐗜𐗝𐗞𐗟𐗠𐗡𐗢𐗣𐗤𐗥𐗦𐗧𐗨𐗩𐗪𐗫𐗬𐗭𐗮𐗯𐗰𐗱𐗲𐗳𐗴𐗵𐗶𐗷𐗸𐗹𐗺𐗻𐗼𐗽𐗾𐗿𐘀𐘁𐘂𐘃𐘄𐘅𐘆𐘇𐘈𐘉𐘊𐘋𐘌𐘍𐘎𐘏𐘐𐘑𐘒𐘓𐘔𐘕𐘖𐘗𐘘𐘙𐘚𐘛𐘜𐘝𐘞𐘟𐘠𐘡𐘢𐘣𐘤𐘥𐘦𐘧𐘨𐘩𐘪𐘫𐘬𐘭𐘮𐘯𐘰𐘱𐘲𐘳𐘴𐘵𐘶𐘷𐘸𐘹𐘺𐘻𐘼𐘽𐘾𐘿𐙀𐙁𐙂𐙃𐙄𐙅𐙆𐙇𐙈𐙉𐙊𐙋𐙌𐙍𐙎𐙏𐙐𐙑𐙒𐙓𐙔𐙕𐙖𐙗𐙘𐙙𐙚𐙛𐙜𐙝𐙞𐙟𐙠𐙡𐙢𐙣𐙤𐙥𐙦𐙧𐙨𐙩𐙪𐙫𐙬𐙭𐙮𐙯𐙰𐙱𐙲𐙳𐙴𐙵𐙶𐙷𐙸𐙹𐙺𐙻𐙼𐙽𐙾𐙿𐚀𐚁𐚂𐚃𐚄𐚅𐚆𐚇𐚈𐚉𐚊𐚋𐚌𐚍𐚎𐚏𐚐𐚑𐚒𐚓𐚔𐚕𐚖𐚗𐚘𐚙𐚚𐚛𐚜𐚝𐚞𐚟𐚠𐚡𐚢𐚣𐚤𐚥𐚦𐚧𐚨𐚩𐚪𐚫𐚬𐚭𐚮𐚯𐚰𐚱𐚲𐚳𐚴𐚵𐚶𐚷𐚸𐚹𐚺𐚻𐚼𐚽𐚾𐚿𐛀𐛁𐛂𐛃𐛄𐛅𐛆𐛇𐛈𐛉𐛊𐛋𐛌𐛍𐛎𐛏𐛐𐛑𐛒𐛓𐛔𐛕𐛖𐛗𐛘𐛙𐛚𐛛𐛜𐛝𐛞𐛟𐛠𐛡𐛢𐛣𐛤𐛥𐛦𐛧𐛨𐛩𐛪𐛫𐛬𐛭𐛮𐛯𐛰𐛱𐛲𐛳𐛴𐛵𐛶𐛷𐛸𐛹𐛺𐛻𐛼𐛽𐛾𐛿𐜀𐜁𐜂𐜃𐜄𐜅𐜆𐜇𐜈𐜉𐜊𐜋𐜌𐜍𐜎𐜏𐜐𐜑𐜒𐜓𐜔𐜕𐜖𐜗𐜘𐜙𐜚𐜛𐜜𐜝𐜞𐜟𐜠𐜡𐜢𐜣𐜤𐜥𐜦𐜧𐜨𐜩𐜪𐜫𐜬𐜭𐜮𐜯𐜰𐜱𐜲𐜳𐜴𐜵𐜶𐜷𐜸𐜹𐜺𐜻𐜼𐜽𐜾𐜿𐝀𐝁𐝂𐝃𐝄𐝅𐝆𐝇𐝈𐝉𐝊𐝋𐝌𐝍𐝎𐝏𐝐𐝑𐝒𐝓𐝔𐝕𐝖𐝗𐝘𐝙𐝚𐝛𐝜𐝝𐝞𐝟𐝠𐝡𐝢𐝣𐝤𐝥𐝦𐝧𐝨𐝩𐝪𐝫𐝬𐝭𐝮𐝯𐝰𐝱𐝲𐝳𐝴𐝵𐝶𐝷𐝸𐝹𐝺𐝻𐝼𐝽𐝾𐝿𐞀𐞁𐞂𐞃𐞄𐞅𐞆𐞇𐞈𐞉𐞊𐞋𐞌𐞍𐞎𐞏𐞐𐞑𐞒𐞓𐞔𐞕𐞖𐞗𐞘𐞙𐞚𐞛𐞜𐞝𐞞𐞟𐞠𐞡𐞢𐞣𐞤𐞥𐞦𐞧𐞨𐞩𐞪𐞫𐞬𐞭𐞮𐞯𐞰𐞱𐞲𐞳𐞴𐞵𐞶𐞷𐞸𐞹𐞺𐞻𐞼𐞽𐞾𐞿𐟀𐟁𐟂𐟃𐟄𐟅𐟆𐟇𐟈𐟉𐟊𐟋𐟌𐟍𐟎𐟏𐟐𐟑𐟒𐟓𐟔𐟕𐟖𐟗𐟘𐟙𐟚𐟛𐟜𐟝𐟞𐟟𐟠𐟡𐟢𐟣𐟤𐟥𐟦𐟧𐟨𐟩𐟪𐟫𐟬𐟭𐟮𐟯𐟰𐟱𐟲𐟳𐟴𐟵𐟶𐟷𐟸𐟹𐟺𐟻𐟼𐟽𐟾𐟿𐠀𐠁𐠂𐠃𐠄𐠅𐠆𐠇𐠈𐠉𐠊𐠋𐠌𐠍𐠎𐠏𐠐𐠑𐠒𐠓𐠔𐠕𐠖𐠗𐠘𐠙𐠚𐠛𐠜𐠝𐠞𐠟𐠠𐠡𐠢𐠣𐠤𐠥𐠦𐠧𐠨𐠩𐠪𐠫𐠬𐠭𐠮𐠯𐠰𐠱𐠲𐠳𐠴𐠵𐠶𐠷𐠸𐠹𐠺𐠻𐠼𐠽𐠾𐠿𐡀𐡁𐡂𐡃𐡄𐡅𐡆𐡇𐡈𐡉𐡊𐡋𐡌𐡍𐡎𐡏𐡐𐡑𐡒𐡓𐡔𐡕𐡖𐡗𐡘𐡙𐡚𐡛𐡜𐡝𐡞𐡟𐡠𐡡𐡢𐡣𐡤𐡥𐡦𐡧𐡨𐡩𐡪𐡫𐡬𐡭𐡮𐡯𐡰𐡱𐡲𐡳𐡴𐡵𐡶𐡷𐡸𐡹𐡺𐡻𐡼𐡽𐡾𐡿𐢀𐢁𐢂𐢃𐢄𐢅𐢆𐢇𐢈𐢉𐢊𐢋𐢌𐢍𐢎𐢏𐢐𐢑𐢒𐢓𐢔𐢕𐢖𐢗𐢘𐢙𐢚𐢛𐢜𐢝𐢞𐢟𐢠𐢡𐢢𐢣𐢤𐢥𐢦𐢧𐢨𐢩𐢪𐢫𐢬𐢭𐢮𐢯𐢰𐢱𐢲𐢳𐢴𐢵𐢶𐢷𐢸𐢹𐢺𐢻𐢼𐢽𐢾𐢿𐣀𐣁𐣂𐣃𐣄𐣅𐣆𐣇𐣈𐣉𐣊𐣋𐣌𐣍𐣎𐣏𐣐𐣑𐣒𐣓𐣔𐣕𐣖𐣗𐣘𐣙𐣚𐣛𐣜𐣝𐣞𐣟𐣠𐣡𐣢𐣣𐣤𐣥𐣦𐣧𐣨𐣩𐣪𐣫𐣬𐣭𐣮𐣯𐣰𐣱𐣲𐣳𐣴𐣵𐣶𐣷𐣸𐣹𐣺𐣻𐣼𐣽𐣾𐣿𐤀𐤁𐤂𐤃𐤄𐤅𐤆𐤇𐤈𐤉𐤊𐤋𐤌𐤍𐤎𐤏𐤐𐤑𐤒𐤓𐤔𐤕𐤖𐤗𐤘𐤙𐤚𐤛𐤜𐤝𐤞𐤟𐤠𐤡𐤢𐤣𐤤𐤥𐤦𐤧𐤨𐤩𐤪𐤫𐤬𐤭𐤮𐤯𐤰𐤱𐤲𐤳𐤴𐤵𐤶𐤷𐤸𐤹𐤺𐤻𐤼𐤽𐤾𐤿𐥀𐥁𐥂𐥃𐥄𐥅𐥆𐥇𐥈𐥉𐥊𐥋𐥌𐥍𐥎𐥏𐥐𐥑𐥒𐥓𐥔𐥕𐥖𐥗𐥘𐥙𐥚𐥛𐥜𐥝𐥞𐥟𐥠𐥡𐥢𐥣𐥤𐥥𐥦𐥧𐥨𐥩𐥪𐥫𐥬𐥭𐥮𐥯𐥰𐥱𐥲𐥳𐥴𐥵𐥶𐥷𐥸𐥹𐥺𐥻𐥼𐥽𐥾𐥿𐦀𐦁𐦂𐦃𐦄𐦅𐦆𐦇𐦈𐦉𐦊𐦋𐦌𐦍𐦎𐦏𐦐𐦑𐦒𐦓𐦔𐦕𐦖𐦗𐦘𐦙𐦚𐦛𐦜𐦝𐦞𐦟𐦠𐦡𐦢𐦣𐦤𐦥𐦦𐦧𐦨𐦩𐦪𐦫𐦬𐦭𐦮𐦯𐦰𐦱𐦲𐦳𐦴𐦵𐦶𐦷𐦸𐦹𐦺𐦻𐦼𐦽𐦾𐦿𐧀𐧁𐧂𐧃𐧄𐧅𐧆𐧇𐧈𐧉𐧊𐧋𐧌𐧍𐧎𐧏𐧐𐧑𐧒𐧓𐧔𐧕𐧖𐧗𐧘𐧙𐧚𐧛𐧜𐧝𐧞𐧟𐧠𐧡𐧢𐧣𐧤𐧥𐧦𐧧𐧨𐧩𐧪𐧫𐧬𐧭𐧮𐧯𐧰𐧱𐧲𐧳𐧴𐧵𐧶𐧷𐧸𐧹𐧺𐧻𐧼𐧽𐧾𐧿𐨀𐨁𐨂𐨃𐨄𐨅𐨆𐨇𐨈𐨉𐨊𐨋𐨌𐨍𐨎𐨏𐨐𐨑𐨒𐨓𐨔𐨕𐨖𐨗𐨘𐨙𐨚𐨛𐨜𐨝𐨞𐨟𐨠𐨡𐨢𐨣𐨤𐨥𐨦𐨧𐨨𐨩𐨪𐨫𐨬𐨭𐨮𐨯𐨰𐨱𐨲𐨳𐨴𐨵𐨶𐨷𐨹𐨺𐨸𐨻𐨼𐨽𐨾𐨿𐩀𐩁𐩂𐩃𐩄𐩅𐩆𐩇𐩈𐩉𐩊𐩋𐩌𐩍𐩎𐩏𐩐𐩑𐩒𐩓𐩔𐩕𐩖𐩗𐩘𐩙𐩚𐩛𐩜𐩝𐩞𐩟𐩠𐩡𐩢𐩣𐩤𐩥𐩦𐩧𐩨𐩩𐩪𐩫𐩬𐩭𐩮𐩯𐩰𐩱𐩲𐩳𐩴𐩵𐩶𐩷𐩸𐩹𐩺𐩻𐩼𐩽𐩾𐩿𐪀𐪁𐪂𐪃𐪄𐪅𐪆𐪇𐪈𐪉𐪊𐪋𐪌𐪍𐪎𐪏𐪐𐪑𐪒𐪓𐪔𐪕𐪖𐪗𐪘𐪙𐪚𐪛𐪜𐪝𐪞𐪟𐪠𐪡𐪢𐪣𐪤𐪥𐪦𐪧𐪨𐪩𐪪𐪫𐪬𐪭𐪮𐪯𐪰𐪱𐪲𐪳𐪴𐪵𐪶𐪷𐪸𐪹𐪺𐪻𐪼𐪽𐪾𐪿𐫀𐫁𐫂𐫃𐫄𐫅𐫆𐫇𐫈𐫉𐫊𐫋𐫌𐫍𐫎𐫏𐫐𐫑𐫒𐫓𐫔𐫕𐫖𐫗𐫘𐫙𐫚𐫛𐫜𐫝𐫞𐫟𐫠𐫡𐫢𐫣𐫤𐫦𐫥𐫧𐫨𐫩𐫪𐫫𐫬𐫭𐫮𐫯𐫰𐫱𐫲𐫳𐫴𐫵𐫶𐫷𐫸𐫹𐫺𐫻𐫼𐫽𐫾𐫿𐬀𐬁𐬂𐬃𐬄𐬅𐬆𐬇𐬈𐬉𐬊𐬋𐬌𐬍𐬎𐬏𐬐𐬑𐬒𐬓𐬔𐬕𐬖𐬗𐬘𐬙𐬚𐬛𐬜𐬝𐬞𐬟𐬠𐬡𐬢𐬣𐬤𐬥𐬦𐬧𐬨𐬩𐬪𐬫𐬬𐬭𐬮𐬯𐬰𐬱𐬲𐬳𐬴𐬵𐬶𐬷𐬸𐬹𐬺𐬻𐬼𐬽𐬾𐬿𐭀𐭁𐭂𐭃𐭄𐭅𐭆𐭇𐭈𐭉𐭊𐭋𐭌𐭍𐭎𐭏𐭐𐭑𐭒𐭓𐭔𐭕𐭖𐭗𐭘𐭙𐭚𐭛𐭜𐭝𐭞𐭟𐭠𐭡𐭢𐭣𐭤𐭥𐭦𐭧𐭨𐭩𐭪𐭫𐭬𐭭𐭮𐭯𐭰𐭱𐭲𐭳𐭴𐭵𐭶𐭷𐭸𐭹𐭺𐭻𐭼𐭽𐭾𐭿𐮀𐮁𐮂𐮃𐮄𐮅𐮆𐮇𐮈𐮉𐮊𐮋𐮌𐮍𐮎𐮏𐮐𐮑𐮒𐮓𐮔𐮕𐮖𐮗𐮘𐮙𐮚𐮛𐮜𐮝𐮞𐮟𐮠𐮡𐮢𐮣𐮤𐮥𐮦𐮧𐮨𐮩𐮪𐮫𐮬𐮭𐮮𐮯𐮰𐮱𐮲𐮳𐮴𐮵𐮶𐮷𐮸𐮹𐮺𐮻𐮼𐮽𐮾𐮿𐯀𐯁𐯂𐯃𐯄𐯅𐯆𐯇𐯈𐯉𐯊𐯋𐯌𐯍𐯎𐯏𐯐𐯑𐯒𐯓𐯔𐯕𐯖

OS GÉMEOS E O HELENISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MITOLÓGICO-HISTÓRICAS

MAURO COSTA

Universidade de Lisboa
mjsc_16@hotmail.com

Resumo

Este estudo tem por base a procura de elementos helenizados no mito de Rómulo e Remo, a narrativa fundacional de Roma. Seguindo a última tendência historiográfica que tem rodeado os estudos sobre a Roma Antiga, este estudo procura interceptar elementos helenizados na composição indígena do mito. Seguindo uma metodologia tripartida, que inclui o uso das principais fontes – Tito Lívio, Dionísio de Halicarnasso e Plutarco – todos os resultados da investigação vão desaguar no século I a. C. e no principado de Augusto, não desconsiderando, porém, vários momentos da República. Foi dada alguma primazia, contudo, a Tito Lívio e à sua obra *Ab Vrbe Condita*.

Palavras-chave: Mitologia romana; Roma arcaica; historiografia romana; helenismo em Roma; cultura augustana.

Abstract

This essay's main aim is to search Hellenized elements in the myth of the Twins, Romulus and Remus, the characters of the Foundation myth of Rome. Following the current historiographic trend on Ancient Rome's studies, this essay searches to intercept Hellenized elements in the Italian composition of the myth. Following a three headed method, also applied to the main sources on the subject – Livy, Dionysius of Halicarnassus and Plutarch – the research conclusions lead us to the 1st century b. C. and the Age of Augustus, not forgetting some important moments in the Roman Republic. Priority was given to Livy's *Ab Vrbe Condita*.

Key-words: Roman mythology; archaic Rome; Roman historiography; hellenism in Rome; Augustan culture.

No âmbito das tendências que nos últimos anos têm circunscrito os estudos sobre a História, a cultura e o pensamento romanos, decidimos abordar uma temática particularmente significativa nesse domínio: o problema das origens de Roma.

Em termos de cronologia mítico-lendária, o episódio dos Gémeos situa-se depois da caracterização de outras duas personagens de importância significativa para a cultura romana: Evandro e Eneias. De igual modo, o mito dos dois irmãos revela-se ainda no âmbito das relações da Roma monárquica com os restantes povos da Itália primitiva. Tendo como ponto de partida a problemática do helenismo, a nossa opção metodológica, embora nos permita interceptar elementos de origem helénica na lenda, leva-nos a recair em autores como: Tito Lívio (*Ab Vrbe Condita*), Dionísio de Halicarnasso (*Antiguidades Romanas*) e Plutarco (*Vida de Rómulo*). É neles que recolhemos a maior parte das informações para tratar a problemática em questão¹. É por conseguinte da maior importância sintetizar aspectos que consideramos relevantes, não só para a compreensão da lenda, como também elementos externos que acabaram por se integrar no contexto mitológico-histórico.

Uma componente importante dos mitos romanos é o lugar em que se passa a acção, bem como o seu ambiente intrínseco. É comum afirmar-se que o Lácio tem sido habitado desde pelo menos 1000 a. C. Aparentemente, até à fundação de Roma, terão coexistido várias culturas no Lácio. Teriam sido essas, aliás, a dar origem à cidade de Roma². Mas, como se afirmou, o nosso estudo centra-se nas fontes escritas, que se reportam a vários acontecimentos e informações sobre o local.

Alguns especialistas consideram que as lendas acerca da fundação de Roma representam sobretudo acontecimentos primitivos de forma inconsciente. Pensa-se ainda que o confronto entre Rómulo e Remo representará uma constituição primitiva da sociedade romana arcaica e que a memória da lenda terá permanecido sempre na História de Roma.

Aparentemente, a formulação oficial da lenda terá começado por volta dos séculos IV-III a. C. Sabemos, no entanto, que a lenda era difundida pelo menos desde o século VI a. C e que o período monárquico foi fértil em termos de criação mitológica. Recorde-se ainda que foi a partir do século VIII a. C que se deu a colonização grega ao longo de vários

territórios na costa mediterrânea, incluindo a Itália. Este acontecimento é deveras importante porque viria a modelar a cultura das sociedades itálicas primitivas, tal como a etrusca. Em parte, foi através do seu contacto com os Gregos que os Etruscos tiveram um impacte significativo na Itália primitiva. Sabe-se, porém, que a influência etrusca na sociedade romana arcaica foi nula e que o contacto com os Gregos no sul foi limitado³. Contudo, Heródoto conta que teriam sido populações da Hélade e da Ásia Menor a chegar a Itália e a fixar-se na região da Etrúria⁴. Todavia, a teoria de T. J. Cornell, na qual está explícito que durante a fundação de Roma, isto é, quando se formou o povoado que viria a ser a cidade de Roma, se constituiu uma comunidade étnica independente, que tinha a sua própria cultura material e a sua própria lenda de fundação.

Com efeito, o tópico literário do mito fundacional é algo comum ao helenismo. Porém nenhuma cidade grega, exceptuando talvez Atenas ou Esparta, o expôs e efectivou tanto como a cidade de Roma.

Grande parte das diferenças que se verificam entre a mitologia grega e a mitologia romana assenta nas concepções das lendas. Sobretudo no que diz respeito ao herói e ao espaço da acção da narrativa, que no caso da mitologia romana é mormente a Itália, senão a cidade de Roma ou o Lácio e, menos frequentemente, as regiões do Império para além do espaço itálico. Os protagonistas dos mitos romanos são homens e mulheres, raramente deuses ou entidades divinas. No caso dos Gémeos, apenas os próprios, e alguns monarcas romanos, têm contactos directos com o divino. O espaço da acção é limitado, mas importante, reflectindo a ligação romana à terra e ao espaço sagrado da Cidade, porque o homem romano tem muito presente as suas convicções religiosas. Não é por acaso que Tito Lívio, a principal fonte para estudar as antigas lendas romanas, transmite uma certa aura moralista às personagens, que por sua vez, ocupam um espaço quase individual. A narrativa de Lívio é a narrativa dos indivíduos, quer em termos mitológicos, quer em termos históricos⁵.

No campo mitológico, há que referir que os estudos mais recentes, sob a perspectiva da influência helénica nos mitos romanos, apontam que várias personagens da literatura grega, desde os Poemas Homéricos, têm como função ligar os mitos gregos aos romanos. Circe, Ulisses, Dánae, Teseu, entre outros, são só alguns destes exemplos⁶. Uma parte destas personagens aparece em mitos de origem latina. Outro exemplo premente é Evandro que veio da Grécia e foi para Itália onde terá ensinado os Aborígenes. Conta-se também que terá criado o alfabeto latino⁷. Como

podemos verificar, estes exemplos ilustram as consequências, em termos culturais, da colonização grega, iniciada no século VIII a. C, que acaba por influenciar o *modus uiuendi* dos povos da Itália primitiva.

1. O Lácio antes dos Gémeos: Tito Lívio e Sófocles

A nossa investigação centra-se em Tito Lívio. Tradicionalmente, diz-se que Tito Lívio nasceu em Patávio, em 59 a. C.⁸ Vindo de uma cidade itálica comercialmente rica, Tito Lívio cresceu durante os conturbados últimos anos da República e a ascensão de Octaviano, futuro imperador Augusto. Ao contrário de outros escritores, Tito Lívio não esteve ou não estaria inserido em nenhum círculo cultural ou intelectual da época, como aconteceu com Vergílio, Ovídio e Horácio, o que era comum e típico do meio cultural do tempo de Augusto. A contribuir para este facto estaria a sua condição económica desafogada, que lhe permitia uma certa independência em relação aos mecenas da época. Segundo se diz, Tito Lívio não se envolveu directamente no ambiente político coevo, embora tivesse, naturalmente, uma opinião política. Prova disso mesmo é a sua relação com Augusto, que o chamava de *Pompeianus*, por tomar o partido de Pompeio, antigo rival de Júlio César⁹. Ao que parece, também não simpatizaria com Gaio Asínio Polião, próximo de Augusto¹⁰. Apesar da sua opinião política ser conhecida na cidade, Tito Lívio terá realizado longas estadas na *Vrbs*. Também terá aconselhado o futuro imperador Cláudio no progresso dos seus estudos e do estudo da História¹¹. De qualquer modo, o envolvimento de Tito Lívio na política do seu tempo não foi significativo e não escrevia para fazer o panegírico de nenhum regime, ainda que fosse notoriamente republicano. Apesar de tudo, estava interessado em escrever História e precisava de tranquilidade e bom ambiente para os seus estudos, ainda que não estivesse dependente de nenhum mecenas¹².

Uma das questões centrais para o nosso trabalho é: terá Tito Lívio lido Sófocles? A julgar por algumas informações, Tito Lívio cresceu numa região da Itália rica e próspera, e o facto de ser originário de uma família abastada permitiria um contacto mais intenso com a cultura grega¹³. De facto, também sabemos que não viajou muito, só para Roma, nem estudou fora da sua cidade natal, como era costume entre os jovens do seu tempo¹⁴. Outro factor a ter em consideração na educação e na juventude de Tito Lívio é o seu conhecimento da língua grega. Com efeito, temos indicação

de que Lívio tinha um conhecimento pouco fluente da língua grega, mas que, no entanto, serviu para a leitura dos discursos de Demóstenes, uma vez que os aconselhou ao filho¹⁵. Supõe-se, portanto, que Tito Lívio terá lido as tragédias de Sófocles, eventualmente numa biblioteca de Roma.

As hipóteses mais prováveis dizem respeito às bibliotecas que foram constituídas com as obras que foram trazidas para Roma: a biblioteca do rei Perseu da Macedónia, depois da conquista do território por Lúcio Emílio Paulo, em 168 a. C, ou da biblioteca pertencente a Apeliconte de Téos. Esta última continha o *corpus* das obras aristotélicas, das obras de Teofrasto, entre outras, e foi trazida de Atenas por Lúcio Cornélio Sula, em 86 a. C. Seja como for, Tito Lívio terá recorrido a várias bibliotecas públicas em Roma, onde terá lido obras gregas, incluindo os discursos de Demóstenes e as tragédias de Sófocles, inclusive, por certo, algumas das tragédias que não nos chegaram.

Procederemos agora a tratar a eventual influência da tragédia de Sófocles em Lívio e como a mesma se terá manifestado na narrativa dos mitos fundadores de Roma. Neste caso concreto, no Lácio mitológico antes do nascimento dos Gémeos.

1.1 A caracterização de Reia Sílvia e Amúlio

Reia Sílvia e Amúlio são respectivamente mãe e tio-avô dos Gémeos. Na narrativa de Tito Lívio, Reia Sílvia e Amúlio são personagens que apresentam algumas semelhanças com personagens da mitologia grega em geral, e da tragédia sofocliana em particular. No caso de Reia Sílvia, as semelhanças são com Dánae e Antígona, e no caso de Amúlio, com Édipo e Creonte. Reia Sílvia é conhecida por ser a mãe dos Gémeos e é filha de Numitor e sobrinha de Amúlio¹⁶.

Depois de Amúlio ter usurpado o trono de Alba Longa, Reia Sílvia foi designada vestal. Certo dia, Reia Sílvia foi buscar água num bosque consagrado ao deus Marte¹⁷. Acontece que o deus apaixonou-se pela jovem vestal e decidiu ir ao seu encontro, violando-a¹⁸. Ora, depois de se saber que Reia Sílvia estava grávida, esta acabou por enfrentar o mesmo destino que Dánae e Antígona. No caso de Dánae e Reia Sílvia, o nascimento dos seus filhos é comprometido¹⁹. No caso de Antígona, tratou-se de evitar a prestação de honras fúnebres ao seu irmão Polínicés²⁰. De facto, estas personagens femininas acabam por ter um destino

comum, uma condição imposta comum, por um poder estatal comum, seja ele um rei ou um tirano.

Falemos agora de Amúlio. Podemos dizer que Amúlio pertence ao protótipo do tirano dos mitos greco-romanos. Na verdade, este tipo de personagem mitológica partilha entre si uma série de características. A mais evidente é o destino comum de todos os tiranos mitológicos: a deposição e a morte. Partindo do princípio de que Tito Lívio foi leitor de Sófocles, Amúlio apresenta-se na narrativa liviana como um tirano típico, não só radicado na mitologia greco-romana, mas também na tragédia sofocliana, em que Édipo e Creonte se afirmam como personagens-tipo. Na verdade, é verosímil que Tito Lívio tenha lido uma tragédia de Sófocles chamada *Tiro*, um dos dramas sofoclianos que não nos chegaram e que poderá ter inspirado a narrativa liviana da usurpação, deposição e morte de Amúlio²¹. Do mesmo modo, Édipo, afirma-se um tirano quando assume o poder em Tebas²², e Creonte, torna-se um tirano por impor o seu poder à cidade de Tebas e aos seus cidadãos²³. Amúlio é um tirano essencialmente por usurpar o poder.

2. Rómulo e Remo: as irmandades mitológicas

Existem outras irmandades na mitologia clássica que se identificam com Rómulo e Remo. Os Gémeos apresentam semelhanças com os Dioscuros, Castor e Pólux; com Etéocles e Polinices, filhos de Édipo e Jocasta; e com Helena e Clitemnestra, irmãos dos Dioscuros.

Começemos com os primeiros. Castor e Pólux são os únicos intervenientes de carácter positivo e benfazejo nesta comparação com os Gémeos²⁴. São essencialmente personagens de carácter bélico e o seu culto na Itália é bastante antigo²⁵. As grandes semelhanças entre os Gémeos e os Dioscuros são a combatividade, o nascimento de origem divina e a geminidade. Na mitologia romana, os Dioscuros são lembrados por ajudarem os Romanos a vencer a batalha do Lago Regilo, contra os Latinos²⁶.

Já Etéocles e Polinices apresentam um carácter mais negro e destrutivo dos que os Gémeos e os Dioscuros. Tal como os Gémeos, Etéocles e Polinices lutaram entre si pelo governo de uma cidade, devido à maldição do pai, Édipo, e de um oráculo, que vaticinava um confronto entre os dois irmãos. Acabariam por morrer os dois em combate²⁷.

Quanto a Helena e Clitemnestra, representam a vertente feminina e igualmente destruidora deste conjunto de analogias. Clitemnestra acaba por destruir a sua família, devido à sua vingança contra o seu marido, Agamémnon, que considerava culpado da morte da sua filha Ifigénia, sacrificada à deusa Ártemis²⁸. Clitemnestra acabaria por ser assassinada pelo próprio filho, Orestes, por ordem do deus Apolo²⁹. Todavia, Helena acaba por ser mais poderosa do que Clitemnestra. Helena arrasta destruição atrás de si, uma vez que a cidade de Tróia é destruída por sua causa. É em consequência desta guerra que se dão muitos acontecimentos, mitológicos e históricos. Em última análise, podemos dizer que a fundação da cidade de Roma é uma consequência da guerra de Tróia, mitologicamente falando³⁰.

3. *Romulus rex romanorum*: um símbolo de poder

Na cultura romana, Rómulo é essencialmente um símbolo de poder, assim como Teseu era um símbolo de poder para os Atenenses. Na lenda dos Gémeos, estes acabam por se confrontar devido a um augúrio sobre quem viria a fundar a futura cidade de Roma, conflito no qual Rómulo mataria o irmão³¹. Existe um dado importante neste tema: a raiva dos Gémeos em confronto. Neste caso, chamamos a atenção para a importância de dois autores: Aristóteles³² e Séneca³³. Ambos os filósofos afirmam que a raiva é uma emoção que parte da condescendência geral e colectiva. Paralelamente a esta situação, existe uma figura da mitologia clássica que se identifica com Rómulo: Teseu³⁴.

De facto, a fonte principal para esta analogia é a *Comparação entre Teseu e Rómulo* de Plutarco. Tanto Teseu como Rómulo são pioneiros de duas cidades importantes da Antiguidade Clássica: Atenas e Roma. As principais diferenças entre Teseu e Rómulo estão essencialmente nos seus actos como heróis e governantes. Teseu enfrentou o Minotauro e os tiranos da Ática, enquanto Rómulo enfrentou Remo, o seu irmão. Apesar de terem sido monarcas ambos, Teseu e Rómulo, no fim da vida, acabaram por correr, ideologicamente, em direcções opostas. Os dois heróis diferem nas suas origens: Rómulo teve um nascimento divino e Teseu teve um nascimento contra os desígnios divinos. Posteriormente, Rómulo teve uma infância e um início de vida adulta humildes, enquanto Teseu teve uma vida de heroísmo. Ambos os heróis raptaram mulheres:

Teseu para si e Rómulo para a sua comunidade. Deste modo, Plutarco acaba por admitir que Rómulo é um monarca mais digno que Teseu e que possui uma relação mais próxima com o seu povo. Rómulo torna-se num tirano e Teseu num símbolo da democracia. Rómulo estava menos preparado para o poder, mas a sua vida pauta-se por mais vitórias pessoais do que a vida de Teseu³⁵. Rómulo funda, com poucos recursos, o regime monárquico romano, e um dos seus primeiros actos é conseguir mulheres para os seus súbditos. De facto, a lenda do Rapto das Sabinas³⁶ assemelha-se à lenda do rapto de Perséfone, filha de Deméter, que foi raptada por Hades, deus do submundo e seu tio³⁷.

É importante referir que a cerimónia do próprio casamento romano se assemelha aos acontecimentos normalmente narrados na lenda do rapto das Sabinas. Assim sendo, o *confarreatio*, a cerimónia mais imponente do casamento romano, correspondia ao rapto propriamente dito. O matrimónio em regime de *usus*, casamento que se tornava oficial depois de a mulher habitar um ano com o companheiro, corresponderia à persuasão das Sabinas. Por sua vez, o regime de *coemptio*, casamento em que o noivo «comprava» a noiva, corresponderia à indemnização dos pais da nubente³⁸. Esta lenda pode também significar a miscigenação da etnia latina com outras no Lácio³⁹. Não obstante, a lenda reflecte um dos actos mais famosos de Rómulo enquanto fundador e primeiro rei de Roma.

Assim sendo, e de acordo com a teoria de Platão, Eneias, Rómulo e Augusto ocupariam vários graus de almas, díspares entre si. Estariam entre o segundo e o terceiro grau, tendo em conta que o nono e último grau corresponde ao do tirano⁴⁰. Segundo as nossas fontes, Rómulo é uma figura intermediária entre Eneias e Augusto⁴¹. De modo que Eneias é já de conhecimento antigo na cultura romana. Porém na *Eneida*, se Augusto é identificado com Eneias, então Dido é identificável com Cleópatra. Turno, grande inimigo de Eneias, é identificável com Marco António⁴². Apesar de tudo, Eneias não foi adaptado de propósito para a propaganda augustana. Tal como Eneias tinha uma missão civilizadora, também Augusto tinha a missão de pacificar o regime romano e restabelecer a República⁴³. Eneias sempre foi um símbolo da cultura romana e marca a relação entre a cultura romana nativa e a cultura romana helenizada.

Augusto é de facto um nome ao qual não podemos fugir quando falamos da História de Roma ou mesmo da cultura romana. Ao seu

nome estão associadas mudanças políticas e culturais. Augusto é a figura que irá pacificar o regime republicano e dar origem a uma nova sociedade romana. O título de Augusto foi atribuído a Octaviano pelo senado em 27 a. C. Originalmente, era para lhe ser atribuído o título de Rômulo, o que lhe assentaria bem, uma vez que corresponderia à ideia de refundação da cidade, de uma nova Roma e da criação de uma nova sociedade romana. No entanto, foi escolhido o título de Augusto, uma vez que o nome de Rômulo é polêmico, porque invoca a monarquia e o fratricídio de Remo⁴⁴. No entanto, houve um acontecimento na vida de Augusto que o tornou, nem que fosse por segundos, próximo de Rômulo: Augusto também avistou doze abutres. Talvez fosse augúrio de uma carreira bem sucedida⁴⁵.

Não esquecer também que tanto Rômulo como Augusto tinham o título de *pater patriae*. Rômulo é assim um intermediário entre Augusto e Eneias, um antepassado mitológico, um transmissor de conhecimento e experiência para Augusto. Portanto, os Gêmeos e, em particular, Rômulo, são recordados como símbolos de poder. Rômulo é um símbolo de *uirtus* e representa simbolicamente o princípio de Roma. Para os Romanos, representava também o princípio do mundo, uma vez que era no espaço da cidade de Roma, fundada por Rômulo, que se desenrolava os acontecimentos quer de índole mitológica, quer de índole histórica. A *Vrbs* era o local a que os Romanos sempre voltavam, uma vez que também era lá que os deuses romanos tinham o seu espaço sagrado.

Rômulo é também um símbolo político. Camilo, herói dos tempos da República, foi apelidado de Rômulo⁴⁶. Salústio apelida também Sula e Cícero de «Rômulo»⁴⁷. E como também Rômulo é um elo de ligação entre o passado e o presente, o mitológico e o histórico, o divino e o humano, o ascendente e o transcendente, Remo funciona como vítima sacrificial entre o cosmogónico, representado pela fundação da Cidade, e a vivência humana testemunhada pelos deuses⁴⁸.

Depois da morte de Júlio César e durante o período Imperial, muitas famílias romanas adoptaram o nome de Rômulo como *cognomen*, a julgar pelas inscrições que encontramos⁴⁹. Um dado deveras interessante é a memória que os autores possuem sobre os Gêmeos e como seria a vida no seu tempo. O caso mais interessante é o de Cícero. Na sua obra *A República*, Cícero passa o debate se o tempo de Rômulo era, de facto, civilizado⁵⁰.

Conclusão

Podemos concluir que Rómulo era muito mais do que um símbolo político. Aliás, o mito dos Gémeos é um elemento de memória, ainda que tenha passado por várias metamorfoses, da origem indígena, da civilização romana. Conclui-se assim que, apesar de tudo o que inferimos neste estudo, muitas foram as questões que ficaram por responder. Algumas, no que respeita a condicionalismos históricos e outras de cariz metodológico, que provinham já de correntes historiográficas anteriores às actuais. Muito do que se abordou centrou-se mais na análise sobre quem escreveu sobre este mito do que no mito em si. Seja como for, existem várias questões a que não conseguimos ter reposta neste nosso estudo, como por exemplo: será o mito dos Gémeos, o mito fundador de Roma, um factor intrínseco de helenização? Se sim, qual o nível de compreensão dos autores clássicos em relação aos mesmos? Serão Eneias e Evandro personagens naturais para a compreensão da cultura grega por parte dos latinos? Evandro significará uma miscigenação dos indígenas latinos com os colonizadores gregos? Se sim, as personagens mitológicas terão um sentido racional/cultural para os romanos? Qual o nível de consciência e de argúcia dos romanos em relação a estes factos? Qual o nível de compreensão comum dos romanos face a estes temas, uma vez que até Tito Lívio tinha poucas qualidades (conhecimento mediano da língua grega) para responder a estas questões e conseguiu estudá-las sem dificuldades? Seria a cultura romana mais tribal e étnica do que imaginamos? E quanto ao helenismo que se fazia sentir? Estas são questões que carecem do condicionalismo histórico de que se falou. As questões de ordem metodológica seriam por exemplo: por que razão não mereceram mais atenção estas problemáticas? Terá a hipercritica e a historiografia positivista criado lacunas nestes estudos desde o século XIX? Persistiram ideias pré-concebidas sobre estes temas ou dever-se-á a falta de provas a nível histórico? Por outro lado, abordámos o usufruto político deste mito por algumas figuras da política romana do século I a. C. Alguns nomes são Lúcio Cornélio Sula, Júlio César e Augusto. Curiosamente, até Viriato chegou a ser identificado com Rómulo. Tendo em conta que muito poderia ter sido escrito, que muito já se escreveu e que mais se irá escrever sobre este tema, esperamos que este estudo seja um pequeno contributo para a nova perspectiva historiográfica que irá rodear os estudos da História da Roma Antiga⁵¹.

Notas

⁽¹⁾ Estes autores são tidos como os principais, embora outros autores, como os poetas do período augustano, também abordem o tema, designadamente: Virgílio, Horácio, Ovídio e Tibulo. Extraímos informações importantes nas obras de Dionísio e de Plutarco, uma vez que introduziram elementos de origem grega na narrativa da lenda, proveniente de fontes mais antigas, quer gregas, quer romanas.

⁽²⁾ A bibliografia sobre este tema e sobre as origens de Roma em geral varia entre aquelas que se suportam na cultura material e nas provas de origem arqueológicas e aquelas que só analisam a mitologia da fundação de Roma. Vide por exemplo R. BLOCH (1966), *Origens de Roma*, Lisboa: Editorial Verbo; T. CORNELL (1995), *The Beginnings of Rome. Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000-264 B. C.)*, Londres: Routledge, para a primeira hipótese; e A. CARANDINI (1997), *La Nascita di Roma. Dèi, lari, eroi e uomini all'alba di una civiltà*, Torino: Einaudi, J. MARTÍNEZ-PINNA (2002), *La prehistoria mítica de Roma*, Madrid: Universidade Complutense, para a segunda hipótese.

⁽³⁾ Esta é a grande teoria de T. J. Cornell, classicista e arqueólogo britânico. A teoria de Cornell baseia-se no simples facto de não haver provas arqueológicas para comprovar a presença etrusca no Lácio. Vide Cornell (1995), p. 156.

⁽⁴⁾ Heródoto, *Histórias*, 1, 7, apesar de Dionísio de Halicarnasso mencionar que não houve populações da Ásia Menor a emigrarem para Itália, *Antiguidades Romanas*, 1.25-30, uide também M. ROCHA PEREIRA (2009), *Estudos de História da Cultura Clássica II – Cultura Romana*, 4ª edição, revista e actualizada Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 21-22.

⁽⁵⁾ Vide P. FARMHOUSE ALBERTO (1999), «Introdução», in Tito Lívio, *História de Roma*, 2ª edição, Mem Martins: Editorial Inquérito, pp.14-15.

⁽⁶⁾ Vide CARANDINI (1997) pp. 547-549.

⁽⁷⁾ Tácito, *Anais*, 11, 14. Problemática sobre Evandro em MARTÍNEZ-PINNA (2002), pp.145-167.

⁽⁸⁾ Esta data tradicional é dada por S. Jerónimo. Outra data possível para o nascimento de Tito Lívio é a de 64 a. C, que também é a data de nascimento de M. Valério Messala Corvino. S. Jerónimo afirma que Tito Lívio e Messala Corvino nasceram no mesmo ano. No entanto, a data tradicional de 59 a. C é também a mais verosímil. Vide M. VON ALBRECHT (1997), *Historia de la Literatura Romana*, Volume I, Barcelona: Herder, pp. 771-772, FARMHOUSE ALBERTO (1999), p. 7, M. CITRONI e al. (2006), *Literatura de Roma Antiga*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 623.

⁽⁹⁾ Vide Tácito, *Anais*, 4, 34.

⁽¹⁰⁾ Ver em FARMHOUSE ALBERTO (1999), p. 9.

⁽¹¹⁾ Suetónio, *Cláudio*, 41.1, uide também VON ALBRECHT (1997), p. 772, e também FARMHOUSE ALBERTO (1999), pp. 8-9.

⁽¹²⁾ Vide FARMHOUSE ALBERTO (1999), p. 9, K. GALINSKY (1996), *Augustan Culture. An Interpretive Introduction*, Princeton: University Press, p. 280; e R. OGILVIE (1978), *A Commentary on Livy, Books 1 to 5*, Oxford: Clarendon Press, p. 2.

⁽¹³⁾ Ver em FARMHOUSE ALBERTO (1999), p. 8, e CITRONI (2006), p. 623.

⁽¹⁴⁾ Vide FARMHOUSE ALBERTO (1999), p. 8.

⁽¹⁵⁾ Quintiliano, *Institutio Oratoria*, 10.39.

⁽¹⁶⁾ Numitor e Amúlio eram os últimos herdeiros do trono de Alba Longa, depois do seu pai, o rei Procas ter falecido. Sendo Reia Sílvia filha de Numitor e sua sobrinha, era precisamente Reia

Sílvia que Amúlio precisava de afastar para garantir que mais ninguém o impedia de chegar ao trono de Alba Longa, uma vez que a descendência que Reia Sílvia pudesse ter lhe iria arruinar a sua apropriação ilegítima, daí as acções criminosas de Amúlio para afastar Numitor e Reia Sílvia.

⁽¹⁷⁾ Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 1.77.

⁽¹⁸⁾ Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita*, 1.4, Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 1.77, mas também Ovídio, *Fastos*, 3, 11-30.

⁽¹⁹⁾ Que note-se, também, são filhos de divindades. Perseu é filho de Zeus e os Gémeos são filhos de Marte.

⁽²⁰⁾ Antígona tem uma disputa com Creonte, seu tio e governante de Tebas, sobre o enterro do seu irmão, verificável na esticomítia entre si e Creonte. Vide Sófocles, *Antígona*, 445-526.

⁽²¹⁾ Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 1.76, veja-se também Ogilvie (1978), p.53.

⁽²²⁾ A base da tirania de Édipo é a sua relação com Creonte e Tirésias. No entanto, Édipo possui as suas próprias razões. Uma delas é a sua desconfiança em relação a Creonte. Creonte podia destroná-lo. No entanto, Édipo não é o único culpado do seu destino, uma vez que a culpa reparte-se entre os pecados dos seus pais e a vontade do deus Apolo. Édipo é essencialmente um tirano devido a questões de moral e de um ponto de vista exterior. Para estas informações uide M. Oliveira PULQUÉRIO (1987), *Problemática da Tragédia Sofocliana*, 2ª edição, Coimbra: INIC, pp. 78-79, 84-85, Sófocles, *Rei Édipo*, 514-630 e Aristóteles, *Poética*, 1453a.

⁽²³⁾ Na base da tirania de Creonte está a disputa que mantém com a sobrinha Antígona e com o seu filho Hémon, sobre o enterro de Polínicos, filho de Édipo, irmão de Antígona, sobrinho de Creonte e suposto traidor contra a cidade de Tebas, verificável na esticomítia que mantém com Antígona e com Hémon, uide Sófocles, *Antígona*, 631-780. A tirania de Creonte acaba por não se opor à vontade divina e fica desacreditado perante a população. Vide Sófocles, *Antígona*, 734-739 e também H. KITTO (1972), *A Tragédia Grega. Estudo Literário*, vol. I, Coimbra: A. Amado, p. 240.

⁽²⁴⁾ Os Dioscuros são personagens mitológicas muito antigas na cultura clássica. Ver, por exemplo Homero, *Iliada*, 3, 235-242, Eurípides, *Helena*, *passim*, Ovídio, *Fastos*, 5, 693-720, Teócrito, *Idílio* 22, Plínio-o-Velho, *Naturalis Historia*, 2, 37, Plutarco, *Vida de Teseu*, 31-34, Séneca, *Naturales Quaestiones*, 1, 1. Todas estas fontes falam de acontecimentos diversos relacionados com os Dioscuros.

⁽²⁵⁾ Verificar estas informações em ROCHA PEREIRA (2009), p. 46. Na cultura, religião, e pensamento romanos, os Dioscuros chegam a integrar-se bem, uma vez que em Roma até havia uma cerimónia para abençoar os Penates no templo dos Dioscuros. Para mais informações sobre este assunto uide Ogilvie (1978), pp. 288-289. Ogilvie também expõe a teoria de que o culto dos Dioscuros poderá ter chegado ao Lácio de várias maneiras.

⁽²⁶⁾ A batalha teria acontecido entre 499 e 496 a. C. Sobre a batalha do Lago Regilo ver Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita*, 2, 20, Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 6, 9-13, Plutarco, *Vida de Emílio Paulo*, 25, 2-3, um bom comentário pode ser encontrado em OGILVIE (1978), pp. 283-289, mas mais importante ainda é a descrição que Plutarco faz na *Vida de Coriolano*, 3.5.

⁽²⁷⁾ Ver Sófocles, *Édipo em Colono*, 1399-1413, e Ésquilo, *Os Sete contra Tebas*, 803-810.

⁽²⁸⁾ Este é o drama da tragédia de Eurípides, *Ifigénia em Áulis*, particularmente os versos 1433-1509.

⁽²⁹⁾ Este é o tema central da trilogia de Ésquilo, a *Oresteia*. Veja-se também KITTO (1972), pp. 128-134, 150.

⁽³⁰⁾ Quase todos os autores antigos fazem referência à história de Helena ou à própria figura de Helena. Salientamos a Helena de Eurípides, por ser mitologicamente mais original. Vide "Helena" in P. GRIMAL (2005), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa: Difel.

⁽³¹⁾ Para estes acontecimentos *uide* Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita*, 1.7, Propércio, 3, 9 e Ovídio, *Fastos*, 4, 56-57. Problemática em torno da morte de Remo encontra-se em Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 1.87, Plutarco, *Vida de Rómulo*, 10.2, Ovídio, *Fastos*, 4, 841-848 e Diodoro Siculo, 8, 6. Ver também T. WISEMAN (1995), *Remus*, Cambridge: University Press, pp. 9-11.

⁽³²⁾ A obra de Aristóteles que utilizámos para esta problemática foi a *Retórica*. Na *Retórica*, Aristóteles expõe filosoficamente a noção de raiva e dá exemplos citando várias vezes a *Iliada* de Homero como exemplo. Não é por acaso que esta obra tem por base a raiva de Aquiles. Ver Aristóteles, *Retórica*, 1378a-1380a.

⁽³³⁾ As obras de Séneca que utilizámos para esta problemática foram o tratado *De Ira* e a tragédia *Phaedra*. No tratado *De Ira*, Séneca expõe a sua noção de raiva, como Aristóteles. Séneca usa Caio Calígula como exemplo de raiva. Passos do tratado *De Ira* onde Séneca se refere a Calígula, 1.20, 2.32, 18.3, 19, 3.21, ver também M. PIMENTEL (1993), *Quo Verget Furor? Aspectos estóicos na Phaedra de Séneca*, Lisboa: Colibri, p. 46. Na *Phaedra*, Séneca utiliza Teseu como personagem portadora de raiva. Veja-se a título de exemplo os adjectivos atribuídos a Teseu na tragédia de Séneca: *nocens, immitis, iratus, crudus, durus, hostis, impius*, para a problemática em torno da figura de Teseu na *Phaedra* de Séneca *uide* Pimentel (1993), pp. 45-49.

⁽³⁴⁾ Antes dos Gémeos e das sociedades clássicas, havia lendas na literatura das civilizações pré-clássicas que se identificavam com os mesmos elementos. O conto *Os Dois Irmãos*, do tempo de Seti II, por exemplo. A acompanhar este conto encontra-se L. ARAÚJO (2005), *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, Lisboa: Livros e Livros, pp. 199-208; G. LEFEBVRE (1988), *Romans et Contes Égyptiens de l'Époque Pharaonique*, Paris: Librairie D'Amérique et D'Orient Adrien Maisonneuve, pp. 137-158; e M. LICHTHEIM (1976), *Ancient Egyptian Literature, II: The New Kingdom*, Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, pp. 203-211; J. CARREIRA (2005), *Literatura do Egipto Antigo*, Mem Martins: Publicações Europa-América, pp. 162-167 e também «Contos» in L. Araújo, dir. (2001), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Caminho. Paralelamente e também mais conhecido é o conto de Caim e Abel, em que os dois irmãos se confrontam como os Gémeos. A acompanhar este conto encontram-se H. CAZELLES, dir. (1989), *Introducción Crítica al Antiguo Testamento*, Barcelona: Herder, p. 209, A. COUTO (2003), *Pentateuco – Caminho da Vida Agradida*, Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 259-262 e J. CARREIRA (1993), *História antes de Heródoto*, Lisboa, Edições Cosmos, p. 242. Outra figura que incorpora raiva na Antiguidade a este nível é Saul. Para este tema *uide* N. RODRIGUES (2000), *O Rei Saul segundo Flávio Josefo*, Lisboa: Colibri, pp. 127-129.

⁽³⁵⁾ Para todos estes factos, *uide* Plutarco, *Comparação entre Teseu e Rómulo*, 3.3, 2, 4, 6, 2.1, respectivamente. Problemática em torno da analogia entre Teseu e Rómulo em D. LEÃO (2008), «Introdução», in Plutarco, *Vida de Rómulo*, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, p. 104 e M. FIALHO (2002), «Teseu em Plutarco à luz da tradição», in J. Ferreira, coord. (2002), *Plutarco Educador da Europa*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, pp. 69-70.

⁽³⁶⁾ A lenda do rapto das Sabinas é narrada em Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita*, 1.8-9, Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 2.30-33, Plutarco, *Vida de Rómulo*, 14-17, Ovídio, *Metamorfoses*, 14, 829-851, *Arte de Amar*, 1, 101-105 e Sílio Itálico, 13, 812, ver também N. RODRIGUES (2005), *Mitos e Lendas da Roma Antiga*, Lisboa: Livros e Livros, p. 135.

⁽³⁷⁾ *Vide* esta informação em OGILVIE (1978), p. 67 e RODRIGUES (2005), p. 137. Note-se que existem outros mitos de origem grega em que o tema do rapto de mulheres é frequente.

⁽³⁸⁾ Confrontar esta teoria em G. DUMÉZIL (1979), *Mariages indo-européens suivis de quinze questions romaines*, Paris, Payot, p. 76. Dumézil diz ainda que o rapto das Sabinas não tem reminiscência de outras civilizações, para toda esta problemática ver idem, *ibidem*, pp. 73-76.

⁽³⁹⁾ Sobre este assunto *vide* ROCHA PEREIRA (2009), p. 28, BLOCH (1966), pp. 20-82, CORNELL (1995), pp. 77-79 e OGILVIE (1978), pp. 32, 65.

⁽⁴⁰⁾ Platão, *Fedro*, 248d-e.

⁽⁴¹⁾ Dionísio de Halicarnasso conta-nos que Rômulo nasceu 17 gerações depois de Eneias e 16 depois da fundação de uma nova comunidade no Lácio. Eneias é assim um marco no tempo também. Ver Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 1.45. Referências de Rômulo na *Eneida*, 1, 276, 6, 778, 876, 8, 342, 654.

⁽⁴²⁾ Não esquecer que a *gens Iulia* reclamava Eneias como o seu grande antepassado.

⁽⁴³⁾ Esta era a base da relação entre Augusto e Eneias. Ver ROCHA PEREIRA (2009), pp. 286-304 e GALINSKY (1996), pp. 247-248, 250. Ambos os autores divergem sobre este assunto.

⁽⁴⁴⁾ Não oficialmente, alguns autores lhe atribuíam o nome de Quirino. *Vide* Suetónio, *Vida de Augusto*, 7, Díon Cássio, 53, 16 e Vergílio, *Georgicas*, 3, 27, *vide* também P. Farmhouse ALBERTO (2004), «O simbólico na construção da imagem e do programa ideológico de Augusto: os mitos da fundação da Cidade» in *Ágora* 6, pp. 36-37 e Rodrigues (2005), p. 125.

⁽⁴⁵⁾ Suetónio, *Vida de Augusto*, 95.

⁽⁴⁶⁾ Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita*, 5, 49.7, *vide* também Rodrigues (2005), p.216 e Ogilvie (1978), p. 679.

⁽⁴⁷⁾ Salústio, *Historiae*, 1, 55, *In Ciceronem*, 4.7.

⁽⁴⁸⁾ *Vide* em WISEMAN (1995), pp.124-125, V. JABOUILLE (2002), «A criação do mundo Hesíodo, Ovídio e Tito Lívio» in *De Augusto a Adriano – Actas de Colóquio de Literatura Latina*, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 67-69 e Rodrigues (2005), p. 124.

⁽⁴⁹⁾ *CIL*, 6, n.ºs 17520, 18731, 18988, 25470, 25472, 32542, 33247, 36261, 38825, 11707, 11731, 12008, 12932, 14519, 18189, 18370, 20245, 20713, 21858, 21899, 22005, 22915, 25471, 25885, 26667, 31145, 32533, 32544, 32624, 32640. Estas inscrições reportam todo o tipo de indivíduos.

⁽⁵⁰⁾ Cícero, *A República*, 1, 37.

⁽⁵¹⁾ Este texto foi reelaborado a partir de um relatório para o Seminário de História Antiga, orientado pelo Professor Doutor Nuno Simões Rodrigues, no ano lectivo de 2009-2010, com o título *O Helenismo nos Mitos Fundacionais de Roma: O caso dos Gémeos*. Outros trabalhos da mesma natureza como o que agora se apresenta incluem: J. MARTÍNEZ-PINNA (2000), «La Iniciación de Rómulo y Remo: Una Relación de Dependencia? A Propósito de Plutarco y de Livio» in M. Myro, J. Casillas, J. Alvar, & D. Plácido, eds. (2000), *Las edades de la dependencia*, Madrid, Ediciones Clásicas, pp.191-210, C. CHADBURN (2010), «Les Saliens sous L'Empire Romain» in *Prétorien*, n.º 16, Outubro-Décembre 2010, pp. 27-31 e N. RODRIGUES (2010), «Introdução» in Plutarco, *Vida de Coriolano*, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, pp. 99-116. Ao Professor Doutor Nuno Simões Rodrigues e ao meu colega e amigo João Coles se agradece a paciente revisão do texto.